

• FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA

AS RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO INTERCÂMBIO ENTRE ALUNOS E ESCRITORES

Anna Carolina Barone (USP)

Orientador(a): Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Em meu painel pretendo colocar em confronto duas concepções lingüísticas que orientam atualmente o Ensino do Português - e que talvez precisem ser reavaliadas pelos educadores.

Num primeiro plano, está a concepção dicotômica oralidade x escrita, que identifica a escrita ao bom uso da língua, e a oralidade à desordem e o caos, desconsiderando o continuum dos gêneros orais/escritos e as relações entre eles, sendo que as misturas intergenéricas, segundo Bakhtin, podem estar carregadas de valor expressivo e estético. Para demonstrar o quanto a visão dicotômica é equivocada e o quanto os cruzamentos entre gêneros orais e escritos podem ser estilisticamente interessantes, apresentarei, para exemplificar, trechos de escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Mário Quintana...

Num segundo plano, está outra concepção dicotômica: trata-se da dicotomia escrita ordinária x escrita literária analisada por Penloup em *La tentation du littéraire*. É como se a escola colocasse os escritores consagrados num pedestal inalcançável pelos alunos, fazendo com que estes nem pensassem na possibilidade de ter um texto com valor artístico. Isto é, num pólo estaria o aluno (o escrevente ordinário) e, no outro, o escritor "de verdade", havendo um abismo intransponível entre ambos: a escrita literária é mitificada pela crença de que o escritor concebe seu texto por inspiração divina, sem requerer trabalho e empenho. Pretendo utilizar exemplos de cartas e biografias de escritores para desmitificar a escrita literária e dissolver a dicotomia: defendo o intercâmbio dialógico entre os alunos e os escritores. Para isso, também é interessante pensar na multiplicidade de práticas de letramento apontada por Street: que tipo de práticas de

letramento estariam envolvidas com a produção literária dos grandes mestres da literatura? E como essas práticas de letramento se ligam às práticas de oralidade?

COMPETÊNCIA LEITORA E ESCRITORA

José Carlos Constantin Junior

Orientador(a): Norma Barbosa Novaes (Faculdades Integradas Fafibe)

A principal meta desta pesquisa de iniciação científica é a busca por uma abordagem de ensino que considere as necessidades do aluno no tocante à leitura e a escrita. No desenvolvimento desse trabalho, as atividades propostas a alunos de uma quinta série pretendem promover a percepção de que a leitura e a escrita estão intimamente ligadas às vivências do cotidiano e, como processos de interação social, preparam o aluno para o exercício de sua cidadania, pois desenvolvem as competência leitora e escritora, tão significativas para a consecução desse objetivo.

O CONCEITO DE LEITURA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DESTINADOS AO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA ESCRITOS POR BRASILEIROS

Wellington Alan da Rocha (UNESP)

Orientador(a): Maria Elisa Brefere Arnoni/ Fernanda L. Ortale (UNESP/São José do Rio Preto)

O objetivo do presente trabalho é analisar o conceito de leitura em livros didáticos de língua espanhola a partir das teorias da Lingüística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira (doravante, LE). O presente trabalho faz parte de nossa pesquisa de Iniciação Científica intitulada: Uma análise de materiais didáticos de língua espanhola escritos por brasileiros entre 1940 e 2004, patrocinada pelo CNPq/PIBIC. Para a realização deste trabalho obedecemos aos seguintes princípios metodológicos: a) seleção de livros de espanhol; b) leitura e fichamentos de textos sobre o conceito de leitura em aulas de LE; c) análise e comparação dos livros selecionados; e d) discussão dos resultados; Para atender a essa proposta voltamos nossa atenção para os seguintes tópicos: a) o modelo que prevalece é o de decodificação, o descendente ou o interativo?; b) é possível que haja dois modelos diferentes em um mesmo livro?; c) há utilização de recursos gráficos para a compreensão do texto?; d) há vocabulários para auxiliar a leitura?; e) quais os temas abordados nessas leituras?; Os livros encontrados foram divididos nos seguintes grupos: 1) escritos antes de 1960; 2) escritos entre 1960 e 1970; 3) escritos entre 1970 e 1980; 4) escritos entre 1980 e 1990; e 5) escritos entre 1990 e 2004; O presente trabalho, obedecendo às idéias acima propostas e realizando uma análise diacrônica, sugere ao professor de LE critérios, no que diz respeito ao conceito de leitura adjacente aos livros de LE, para a avaliação de livros didáticos de quaisquer Les.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PEDAGOGIA CIDADÃ POSTA EM QUESTÃO

Alexandre Sônego de Carvalho (UNESP)

Orientador(a): Maria Luiza da Costa Matte (UNESP/Araçatuba)

O presente trabalho pretende abordar novas políticas públicas para a formação de professores, nesse caso, os que trabalham com Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental.

Será colocado em questão o Projeto Institucional Pedagogia Cidadã, oferecido pela UNESP. O referido projeto, preocupa-se com a formação dos professores das primeiras séries iniciais, oferecido aos professores, recreacionistas e berçaristas da rede pública municipal, no entanto é pertinente relevar alguns aspectos, dentre eles, ressaltar a modalidade do curso que se aproxima mais de um credenciamento, para efeito estatístico, do que com a formação propriamente dita. Enfim, buscarei levantar algumas questões pertinentes sobre o projeto e oferecer algumas sugestões possíveis.

POR QUE NÃO SE APRENDE GRAMÁTICA NA ESCOLA?

Celeste Antenore Rossi, Karina Angelica Cestari de Melo, Daniele Cristina Gasparini, Patrícia Barbosa de Souza, Fernanda Marques Batista, Mara Regina Morangureira

Orientador(a): Celeste Antenore Rossi (Fundação Educacional de Fernandópolis)

A cada ano, com o ingresso de novos alunos nos cursos superiores, observa-se a deficiência que apresentam com os conteúdos de língua portuguesa. Verificam-se problemas básicos de ortografia como a escrita de "derrepente", "porisso", "oque", "incopetente", "profição" entre outros; de acentuação gráfica, de concordância nominal e verbal como "menas", "haviam muitas pessoas", "fazem duas horas" etc.

Além dos problemas gramaticais, os alunos, de modo geral, demonstram muita dificuldade para ler e compreender um texto.

Conseqüentemente, a produção de textos torna-se um tormento para esses estudantes. Pensando que o aluno que chega à universidade já passou pelo menos onze anos estudando Português na escola, como se explica tanta dificuldade para lidar com a língua? Será preciso repensar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e detectar onde está a falha, isto é, por que não se aprende gramática na escola? A experiência docente nos diz que ensinar apenas a nomenclatura gramatical ao aluno e obrigá-lo a fazer centenas de exercícios de análise sintática não é suficiente para que ele aprenda a lidar com a língua de forma competente. Na verdade, a escola ainda privilegia a gramática normativa em detrimento de uma gramática reflexiva. O aluno deve aprender que gramática não é só um amontoado de regras sem sentido, mas um mecanismo por meio do qual poderá expressar-se melhor, com mais clareza, objetividade e em qualquer situação comunicativa. Queremos, portanto, que o nosso aluno que hoje está no curso de Letras reflita sobre a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa e para isso nos propomos a investigar, junto às escolas de nossa cidade e região, opiniões de alunos e professores sobre a questão já exposta: "Por que não se aprende gramática na escola?".

REFLEXÃO NA AÇÃO: ENSINAR A APRENDER

Rosimeire Ferreira Teles, Sandra Garcia dos Reis, Simone Galisteu Timporim, Juliana Caris da Silva, Acácio Aparecido Bonifácio, Aline Mateus de Souza

Orientador(a): Elen Dias (Fundação Educacional de Fernandópolis/FEF)

O presente estudo, desenvolvido como projeto de iniciação científica, tem como objetivo investigar e analisar a formação do futuro professor de LE em uma sala do primeiro ano de Letras de um

curso noturno de uma faculdade particular do interior do estado de São Paulo. Isso foi feito por meio do levantamento e do contraste entre visões e crenças sobre o que é ensinar e aprender Língua Estrangeira (LE). Visa, assim, promover a reflexão sobre as diferentes técnicas, métodos e abordagens de ensino de LE a fim de verificar como a prática pedagógica pode contribuir positiva ou negativamente nesse processo. Os dados demonstram a importância de conscientizar o futuro profissional de LE de suas concepções como meio de criar melhores condições para a formação de seus alunos.